

Defensores da cidade estão

Baiano que nunca visitou os fortes de Salvador tem uma dívida com a história local; entre os mais impo

REGINA BOCHICCHIO

A roda de capoeira começa no início da noite. O mestre João Pequeno, 86 anos, pega seu coletivo na Fazenda Coutos por volta das 16 horas rumo ao Forte de Santo Antônio Além do Carmo. Lá acontece, há mais de 20 anos, sua roda de angola. A academia está pintada e bem-cuidada, mas é o único local do forte que não está deteriorado. “Eu gosto daqui. Não sei de quando é, mas sei que é um local bem antigo”, diz, solene, o mestre.

O forte de Santo Antônio data de 1703. Outras fortificações somam mais de 400 anos. Embora parte delas esteja conservada, algumas estão deterioradas e sem uso. O fato é que estas fortalezas fazem parte da história da Bahia, a começar pela própria fundação da cidade de Salvador, que nasceu sob o signo da defesa. Thomé de Souza, encarregado de fundar “uma povoação grande e forte”, logo mandou erigir uma muralha de taipa e barro capaz de deter as flechas dos povos nativos. Anos depois, reforçada com pedra e argamassa, a muralha ganhou baluartes e torres em suas duas entradas: as portas do Carmo e de São Bento.

Nos séculos XVII e XVIII, com a ameaça dos corsários, sobretudo os holandeses, foi iniciado o sistema de defesa da cidade. No auge, a cidade chegou a ter quase 30 fortes. Muitos deles desapareceram, arruinados ou demolidos: fortes do Rio Vermelho, São Francisco, São Bartolomeu da Passagem, Ribeira, Reduto de São Fernando. Destes, nada resta.

RECICLADOS – Passados os tempos bélicos, no meado do século XIX, o sistema de fortificação começou a declinar. E com o passar dos anos os fortes foram ser utilizados como prisão e hospital, e outros destinos. A cidade abriga hoje 11 fortificações, algumas bem à vista e outras escondidas na paisagem urbana. Todos os fortes são tombados, o que deveria lhes garantir conservação.

Quatro fortes, porém, devem ser restaurados pelo governo do Estado: Barbalho, Santo Antônio Além do Carmo, São Marcelo e São Paulo da Gamboa. A Secretaria da Cultura e Turismo aguarda a assinatura do Prodetur II (programa de financiamento garantido pelo Banco do Nordeste). A idéia é transformá-los em espaço turístico-culturais com funções específicas: o forte de Santo Antônio será da capoeira, o do Barbalho vira palco das diversas artes, o São

Marcelo resgatará a memória dos saveiros, podendo ainda se prestar a outras atividades. Já para o Forte de São Paulo da Gamboa, onde residem famílias, está previsto apenas restauro.

“Na contramão da tendência de tratar a cidade – e também a cultura – como espetáculo, que vem dominando Salvador há mais de uma década, os fortes poderiam ser reciclados e transformados em equipamentos artístico-culturais para a população, sob gestão dos próprios artistas, com alguma subvenção do poder público”, opina a arquiteta Silvana Olivieri, do mestrado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Ufba. Na Europa, diz ela, prédios antigos são ocupados desse modo.



João Pequeno reúne seus alunos no Forte de Santo Antônio

Do Farol da Barra à Ponta do Humaitá

A “esquina do Oceano Atlântico com a Baía de Todos os Santos”, como diz o professor Cid Teixeira, dá início ao *tour* pelos fortes. O de Santo Antônio da Barra é o mais antigo de Salvador, também um dos mais conservados. Ali funciona o Museu Náutico, onde se pode ver, por exemplo, relíquias de naufrágios. Mantido pela Marinha, é um dos cartões-postais de Salvador mais difundidos.

Seguindo pela orla, no início da Praia do Porto, fica o fortim de Santa Maria, abandonado. “Os maconheiros ficam ali se drogando à noite”, diz Carmem Barbosa, 52 anos, moradora da região. Esse forte já esteve nas mãos da Marinha, agora está com o Serviço do Patrimônio da União (SPU). Algumas festas rolaram ali; mas fechou.

Na outra extremidade da praia está o Forte de São Diogo mantido pela 6ª Região Militar. A tomada dos fortes da Barra permitiu a invasão de Maurício de Nassau (1638). São Diogo é “QG” do coronel Arlington Lima Barbosa, administrador dos fortes históricos da 6ª Região e representante da Fundação Cultural do Exército.

Ele conta que em 1995 nasceu o Projeto de Fortificações Históricas, cujo

objetivo é preservar este patrimônio através da captação de recursos. Assim, o forte construiu seu espaço cultural: uma área aberta cuja vista dá para a baía. O aluguel do espaço é revertido para a manutenção do projeto.

“Acho viável criar um roteiro turístico pelos fortes de Salvador. Mas é importante que a iniciativa privada participe desse projeto. O governo federal não disponibiliza verbas para restauro e manutenção”, diz o coronel.

FRUSTRAÇÃO RESOLVIDA – Perto do cais está o Forte de São Marcelo, única fortificação marítima da cidade. Ele abrigará a nova sede da Associação Brasileira dos Amigos das Fortificações Militares e Sítios Históricos (Abraf), através de termo assinado com Iphan. Fundada em 1988, o diretor da Abraf é coronel Anésio Ferreira Leite. A entidade visa facilitar a captação de recursos. Junto ao projeto do governo do Estado, a Abraf entra como apoio institucional. “Vamos acabar com a frustração do baiano de nunca ter ido ao Forte de São Marcelo”, diz Cel. Leite. O projeto prevê a criação do Memorial do Saveiro, do Museu Arqueológico do Mar, café-restaurant e área para shows musicais, dança, teatro. “Se tivesse eletricidade e sanitários o forte estaria funcionando sem o restauro. Estamos procurando mecenas”.

1 Forte de Santo Antônio da Barra (Farol da Barra)



COMO ESTÁ: conservado e mantido pela Marinha do Brasil
HISTÓRICO: Primeira fortificação da cidade, construída entre 1503 e 1587 (e reconstruído entre 1591 e 1602). Sua função era a de impedir a entrada de embarcações na praia, protegendo a parte do sul da cidade. Não resistiu ao desembarque dos holandeses no porto, e entre 1696 e 1702 ganhou a forma atual. Tombado (Iphan/1938).
ATRATIVOS/FUNÇÃO: Museu Náutico; café-restaurante e vista para a Baía de Todos os Santos. Horário: ter a domingo, das 8h30 às 19h. Entrada: R\$3 (crianças pagam R\$1,50). www.museunauticodabahia.org.br

2 Forte de Santa Maria



COMO ESTÁ: Abandonado e malconservado.
O Patrimônio da União é o responsável no momento
HISTÓRICO: Não se sabe a data de construção, mas já existia durante a invasão holandesa de 1638. Dava suporte para os fortes da Barra e de São Diogo. Foi ocupado pelos rebeldes durante a Sabinada. Tombado (Iphan/1938)
ATRATIVOS/FUNÇÃO: atualmente está fechado, embora tenha sido usado para alguns eventos em anos anteriores.

3 Forte de São Diogo



COMO ESTÁ: conservado e mantido pelo Exército
HISTÓRICO: Construído em 1626, onde existia a Vila Pereira (feição atual de 1704). Atuou em maio de 1638, durante segunda invasão holandesa. Reconstruído em 1694. Em 1885 abrigou a Cia dos Inválidos; entre 1940 e 1944 sediou atividades do Exército. Tombado.
ATRATIVOS/FUNÇÃO: Abriga exposição sobre fortes; é sede do projeto de recuperação das fortificações históricas; vista para o mar. Aluga seu "espaço cultural" - área extensa para eventos que dá para a baía. Horário: das 9h30 às 12h30 e 13h30 às 17h30. Entrada: R\$1.

4 Bateria de São Paulo da Gamboa



COMO ESTÁ: ocupado há décadas pela comunidade, que transformou seus aposentos em residência. A ocupação permitiu, de certo modo, sua conservação, embora estejam condições precárias.
HISTÓRICO: Construído no século XVIII (a placa diz 1723), para integrar o plano de defesa da cidade, que estendia até o mar os suplementos do Forte de São Pedro; possuía 19 canhões. Hpje, adorna o QG da Mouraria. Tombado (Iphan/1938)
ATRATIVOS/FUNÇÃO: moradia; vista para a Baía e Ilha de Itaparica.

5 Fortaleza de São Pedro



COMO ESTÁ: conservado e utilizado pelo Exército.
HISTÓRICO: Alguns autores dizem que os holandeses iniciaram a construção em 1624. Em 1648 é transformado em Fortaleza, pelo governador da Província. Foi QG dos brasileiros durante a guerra pela Independência da Bahia; ali organizou-se a Revolta dos Malês (1835); foi QG da Sabinada. Em 1924, a Bahia estava sitiada a fim de empessar Góes Calmon, quando foram recolhidos ao forte os inimigos da oposição. Tombado (Iphan/1957)
ATRATIVOS/FUNÇÃO: Abriga o 6º Depósito de Suprimento e a 17ª Circunscrição do Serviço Militar. Não é aberto à visitação (só com autorização).



carentes de atenção e vida

...tantes está o de São Marcelo, único construído no mar e que consta na lista dos que serão revitalizados

Gamboa da resistência

A comunidade da Gamboa de Baixo fica na encosta da Contorno. Dona Detinha, a Valdete de Almeida Sapucaia, 75 anos, mora há 65 anos ali, num pequeno “quarto”, em frente ao mar. Neste aposento ela teve seus sete filhos, nascidos de parteira. No cômodo cabem cama, mesa, fogão e até altar para Iemanjá. Detinha mora no Forte de São Paulo, cuja estrutura só pode ser vista do mar. A partir do forte, o local começou a ser povoado há quase 100 anos.

“A gente brincava na *peça*, corria picula, fazia roda...depois tiraram”, lembra ela, referindo-se ao canhão Armstrong, o qual a comunidade apelidou de “peça Vovó”. O canhão, hoje, adorna o jardim do Quartel da Mouraria. Há um casarão no forte, bastante destruído, onde moram três famílias. Na área do forte residem 13 famílias. Na ponta está intacto um baluarte.

A falta de serviços básicos como água encanada leva os moradores a improvisarem. O “esgoto” corre por um tubinho e é jogado ao mar. Em patrimônio histórico não é possível instalar nada sem autorização. Os moradores sabem que existe um projeto para restauro. “Não me agrada sair daqui, é minha vida...”, diz Detinha.

A presidente da Associação Amigos de Gege da Gamboa de Baixo,



Revitalização do Forte de São Marcelo inclui um café-restaurante

Ana Cristina Caminha, 30 anos, dá a idéia: “Não somos contra o desenvolvimento, transformar a Gamboa num lugar melhor, atrair turistas. Acharmos que o forte precisa de restauro, mas que a comunidade seja incorporada ao projeto, para beneficiar-se também”, diz ela. Um dos pressupostos é que o local não seja gerido por elites para um público idêntico. O Projeto Via Náutica, por exemplo, previa um píer saindo do Solar do Unhão até o forte. Mas não mostrava o que seria da comunidade. O forte já faz parte da vida deles.

O pátio é o “centro de lazer”. Ali se joga futebol, acontecem shows e prestação de serviços como campanhas de vacinação. Além disso, é espaço onde ocorrem reuniões da comunidade.

O Forte de São Paulo da Gamboa foi construído para combater junto com o Forte de São Pedro, localizado nas imediações do Campo Grande, no Centro da cidade. Este, mantido pelo Exército, abriga o 6º Depósito de Suprimento e a 17ª Circunscrição Militar. O Forte de São Pedro participou de momentos marcantes da história da Bahia (veja quadro) e está conservado.

Lugar de capoeira

A roda de capoeira angola de João Pequeno é tradicional e reúne angoleiros das antigas. “Quero que o forte fique entregue à capoeira”, deseja o mestre (o forte abriga, ainda, a roda do mestre Moraes). O Forte de Santo Antônio está fechado à visitação devido à estrutura duvidosa. Mas há técnicos trabalhando ali para dar início ao restauro. Quem está à frente do projeto é a ONG Forte da Capoeira, criada para gerir a futura estrutura. A previsão é que tudo esteja pronto em 2006.

O presidente da ONG, José Augusto de Azevedo Leal, também diretor de Patrimônio do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac), explica que o forte sofreu transformações – aumentando em área construída, sem critérios. O restauro prevê o retorno à arquitetura original. “A idéia é revitalizar o espaço e criar o Centro de Referência e Pesquisa da Capoeira, para brasileiros e estrangeiros”, diz Leal.

O forte é um dos mais deteriorados. Depois de abrigar a sede do Centro de Cultura Popular, o local foi ocupado como moradia, inclusive o célebre tocador e fabricante de berimbau Lourimbau. As pessoas saíram dali, indenizadas, diz Leal. Segundo expressão do mestre João Pequeno, as pessoas foram “desabitadas”.

ARTE E HISTÓRIA – Perto do Santo Antônio há o Forte do Barbalho, o maior de todos. Juntas, as fortificações garantiam a defesa da cidade pelo acesso norte. Este forte está abandonado, depois de ter sido “revigorado” no final do ano passado, quando abrigou uma peça teatral. De 1982 até 2000, o local abrigou o 7º Batalhão da Polícia Militar. O Forte do Barbalho, segundo o projeto, deve ser um centro de artes.

Na Cidade Baixa existem três fortes: Santo Alberto, Jequitaia e Monte Serrat. Na Avenida Jequitaia, em frente ao Terminal Marítimo de São Joaquim se vê o Forte de Santo Alberto, ou da Lagartixa. Restaurado pelo Exército, mas não é aberto à visitação. Saindo da Calçada, em direção ao Comércio, a Petrobras está restaurando e reformando o Forte da Jequitaia. Vidros escuros, arquitetura “estilosa”, o prédio deverá abrigar o Museu do Petróleo.

A Ponta do Humaitá é a última parada do *tour*. Da balastrada do Forte de Monte Serrat se vê parte da cidade. Sua arquitetura militar é considerada uma das mais belas do gênero. O Centro de Recursos Ambientais (CRA) assinou documento no qual se compromete a restaurar o forte. O projeto aguarda parecer do Iphan. Espaços de memória ou contemporaneidade, os fortes da cidade aguardam ser redescobertos e apropriados pelo soteropolitano.

6

Forte de São Marcelo (Forte do Mar ou Forte Nossa Senhora do Pópulo)

COMO ESTÁ: conservação média, exigindo restauro. Está com a Abraf.
HISTÓRICO: Concluído em 1728 (iniciado em 1650), foi construído para impedir nova invasão holandesa. Formato circular, edificado sobre banco de areia. Tive papel destacado na defesa da cidade. Foi um presos ali: Cipriano Barata (Revolta dos Alfaiates); Bento Gonçalves, general farroupilha (RS) e líderes Malês e da Sabinada. Tombado (Iphan/1938)
ATRATIVOS/FUNÇÃO: aberto à visitação controlada através da Abraf (321-5286); R\$10 por pessoa. Vista diferenciada da cidade, baía e ilha.



7

Forte do Barbalho (Nsa Senhora do Monte Carmelo)

COMO ESTÁ: malconservado, vazio, com mato.
HISTÓRICO: Surgiu de trincheiras levantadas em 1638, concluído em 1736, seu nome homenageia o militar pernambucano Luís Barbalho Bezerra que lutou contra os holandeses. Foi um dos OGS de Madeira de Melo durante a guerra pela independência. Abrigou a Casa da Câmara e Cadeia e até um hospital. Ali foram presos (revolução de 64): Emiliano José, Chico Pinto, Nilton Macedo, Sebastião Nery e Mario Lima. De 1982 a 1997 abrigou a PM. Tombado (Iphan/1957)
ATRATIVO/FUNÇÃO: Está vazio e malconservado.



8

Forte de Santo Antônio Além do Carmo

COMO ESTÁ: em estado precário; quase ruína
HISTÓRICO: Originado de trincheiras que guardavam a entrada norte da cidade, foi concluído em 1703. Já foi Casa de Detenção e abrigou revoltosos malês. Durante a revolução de 64 abrigou presos políticos. Sediou o Centro de Cultura Popular na década de 90. Foi ocupado como moradia durante anos; sofreu modificações na estrutura. Tombado.
ATRATIVO/FUNÇÃO: há mais de duas décadas abriga a academia de capoeira angola do mestre João Pequeno de Pastinha; mais recente, também a capoeira do mestre Moraes. Está em fase de estudos para restauro.



9

Forte de Santo Alberto (Forte da Lagartixa)

COMO ESTÁ: restaurado e conservado pelo Exército
HISTÓRICO: edificado entre 1590 e 1610, como torre, com o objetivo de proteger o ancoradouro de Água de Meninos (a área ainda não era aterrada). Foi tomado em 1638 por Maurício de Nassau; em 1838 pelos insurretos sabinos. Dizem que foi dali que partiu o tiro de canhão que avisou o Exército Libertador que Madeira de Melo tinha ido embora, às 4h do dia 2 de julho de 1823.
ATRATIVO/FUNÇÃO: não é aberto à visitação, guardado pelo Exército.



10

Forte da Jequitaiá

COMO ESTÁ: em restauro e reforma, a cargo da Petrobras
HISTÓRICO: último forte a ser levantado na cidade, no começo do século XIX, a fim de proteger um canal projetado para transporte de carga. O canal não vingou, mas o forte está lá. Abrigou a Cia Construtora do Porto da Bahia.
ATRATIVO/FUNÇÃO: abrigará o Museu do Petróleo



11

Forte de Monte Serrat (Forte de São Felipe)

COMO ESTÁ: conservado e mantido pelo Exército
HISTÓRICO: construído entre 1583 e 1587, ganhou contorno final em 1724. Tomado nas invasões holandesas (1624 e 1638); nas suas imediações o governador holandês da Bahia, Johan Van Dorth, foi morto. Tomado pela Sabinada em 1837. Teve participação nas lutas pela independência. Tombado (Iphan/1937)
ATRATIVO/FUNÇÃO: sua vista é considerada uma das mais belas da cidade. Abriga desde 1993 o Museu da Armaria. Entrada franca.



1

